

Telemática e novas fronteiras: a mediação dialógica no espaço das imagens técnicas

Geórgia Monteiro Gomes de Brito¹

Resumo

No interior da cultura pós-histórica, assim denominada por Vilém Flusser como estágio de domínio dos aparelhos automáticos na sociedade, a fronteira entre os espaços público e privado se coloca em linha tênue. A revolução informática vem a modificar não só a forma de relacionar-se com tais espaços, mas também interfere na estrutura da troca de informações. Segundo Flusser (2002), discursos onipresentes tendem a eliminar o espaço público verdadeiro, ao passo que diálogos onipresentes eliminariam todo o espaço privado. Entre diálogos e discursos, se coloca uma dialética que tende a eliminar a própria interdependência que público e privado estabelecem para existir. Quais as fronteiras da nova estrutura comunicacional? Que tipo de novo espaço poderia ser pensado a partir dela? Partindo do conceito de revolução telemática (2008), colocamos os rumos de nossa análise, pautada nas imagens técnicas como novo direcionador da troca de informações, através de uma possível mediação dialógica a se inserir nos espaços individuais. No interior do que Flusser nomeia como revolução técnica, e não política, os novos revolucionários seriam exatamente aqueles envolvidos na produção de imagens, que se colocam em nossa pesquisa como objeto principal a ser delimitado no rumo das referidas investigações.

Palavras-chave: Aparelhos; Telemática; Imagens técnicas.

Abstract

Within the post-historical culture, named by Vilém Flusser as the stage of domain of automated devices in society, the boundary between public and private spaces arises in thin line. The informatic revolution has changed not only the way of relating to such spaces, but also interferes with the structure of the exchange of information. According to Flusser (2002), ubiquitous discourses tend to eliminate true public spaces, while ubiquitous dialogues eliminate all private space. Between dialogues and speeches, arises a dialectic that tends to eliminate the very interdependence that public and private set to exist. What are the boundaries of the new communication structure? What kind of new space could be thought from it? Based on the concept of telematics revolution (2008), we put the course of our analysis, based on technique images as the new director of information exchange, through a possible dialogic mediation to enter into individual spaces. Inside of what Flusser appoints as a technical revolution, and not policy, the new revolutionaries would be exactly those involved in the production of images, which arise in our research as the main object to be delimited in the course of these investigations.

Keywords: Devices. Telematics. Technique images.

¹Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (PPgEM), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). georgia-monteiro@hotmail.com

1. O mundo pós-histórico e suas implicações

Na obra de Vilém Flusser, encontramos uma ótica de pensamento que apresenta análises do desenvolvimento cultural da sociedade em consonância com determinadas fases históricas. A fase atual, denominada como pós-história, é caracterizada pela imersão nos códigos digitais, e representa um domínio de imagens reduzíveis à zerodimensionalidade dos *pixels* e *bits* de informação. Em meio a uma programação crescente de aparelhos automáticos, a sociedade se coloca na dinâmica de um movimento rápido, porém circular, onde os eventos históricos se realizam em prol de seu registro pelas imagens técnicas. Nesse contexto, os atos “não mais se dirigem contra o mundo a fim de modificá-lo, mas sim contra a imagem, a fim de modificar e programar o [seu] receptor.” (FLUSSER, 2008, p.59) As imagens técnicas se transformaram na memória eterna de todo empenho, de maneira a eternizar todo e qualquer ato que tome lugar no mundo. Para Flusser, tal processo representa o fim da história, pois os acontecimentos deixam de tomar lugar no mundo para se transformar em espetáculo eternamente repetível. Cada ato passa a ter como meta o seu registro pelas imagens técnicas, perdendo, assim o seu caráter fundamentalmente histórico.

Todo evento histórico tende doravante a ser fotografado, filmado, televisionado. As imagens técnicas são a represa dentro da qual a correnteza dos eventos históricos será armazenada para girar em repetição eterna. Pós-história é isto. (FLUSSER, nascimento da imagem nova, não publicado, p.3)

Tal engrenagem automatizada na qual circulam os acontecimentos é alimentada, por sua vez, pelos discursos e ideologias advindos fase histórica precedente. Na falta de uma produção de novos elementos que tomem lugar no mundo pós-histórico de maneira espontânea e não programada, tais discursos parecem estar prestes a esgotar-se, o que levaria a humanidade pós-histórica, sob o ponto de vista de Flusser, a entrar em uma fase de tédio e desânimo generalizado. Dessa forma, torna-se inevitável levantar algumas questões, que pensem exatamente quais as particularidades e fronteiras que a nova estrutura comunicacional impõe, e como, a partir dela, seria possível colocar novas produções significativas para este tipo de sociedade.

Ao analisarmos tal conjuntura sob um olhar mais atento, percebemos que, no mundo pós-histórico, os processos de codificação de símbolos e significados concentram-se, de uma maneira geral, não no indivíduo, mas nos aparelhos. Ao operá-los, o homem atua não de uma maneira dinâmica e autônoma, mas funcional e metaprogramada, ou seja, acaba por exercer o papel de um funcionário que se insere dentro do grande complexo aparelhístico como parte atuante deste.

Não queremos expor, com isso, que em meio a tal automação não existam as intenções e deliberações humanas. São elas manifestadas ao se tentar decifrar o funcionamento das caixas pretas dos aparelhos, ao se buscar gerar, nos comandos de sua operação, resultados previamente planejados e pretendidos. Podem-se tomar como exemplo criações experimentais em vídeo ou fotografia, onde o artista busca brincar com as funções do aparelho de maneira a trazer, na sua forma de representação, um elemento desvelador do mesmo, uma forma de “desmascarar” seu jogo implícito. Eles sabem que os problemas a resolver “são os da imagem, do aparelho, do programa e da informação. Tentam, conscientemente, obrigar o aparelho a produzir imagem informativa que não está em seu programa.” (FLUSSER, 1985, p.41)

Exatamente sob esse viés, é preciso também levar em conta que os aparelhos, por sua vez, reagem contra tais tentativas, ao valer-se da própria programação. Ou seja, há limites que são impostos pela própria constituição do aparelho, que possibilita uma produção estabelecida apenas dentro do que está previsto no programa em questão. É nesta conjuntura que se aponta não haver a inserção de novas informações que consigam tomar lugar significativa, de uma maneira não programada, no mundo pós-histórico. Com isso, lançamos mais uma vez a questão: seria possível inserir neste contexto novas produções com potencial transformador? Nossa hipótese pauta-se na imagem técnica como elemento que se coloca ao mesmo tempo como problemático e possível solucionador da questão. É através das imagens técnicas que podemos tanto nos fundir mais ainda com o metaprograma, como encontrarmos uma luz para os termos dessas indagações.

2. O lugar das imagens técnicas

Ao tratar das relações que essas novas imagens estabelecem com o espaço do indivíduo, Flusser (2008) demonstra que as imagens técnicas têm a característica peculiar de espalhar a sociedade, pois ao invés de juntar pessoas em torno de si, dirigem-se ao indivíduo solitário, alcançando-o em seus espaços mais íntimos e escondidos. Tendo sido criadas e/ou veiculadas por aparelhos automáticos, elas surgem como fruto do desenvolvimento da lógica, do cálculo, da computação e tecnologia que propiciaram a criação de tais aparelhos. Surgem como desdobramento do empenho científico, podendo ser consideradas computações de noções, pois abstraem do pensamento linear para o superficial (da superfície). As imagens técnicas, frutos da tecnologia, são, portanto, produtos indiretos de textos. Por trás delas, pode-se constatar toda uma teoria científica aplicada à técnica. Isso por si só já as faz, histórica e ontologicamente, diferir das outras imagens.

O aparelho torna possível que se crie imagens, obras e projetos nunca antes imaginados, de maneira que, quanto mais fácil e agradável for a sua interface de uso, maior a programação que se insere por trás dele. As tecno-imagens se estabeleceram no mundo causando, então, uma crise em valores pré-estabelecidos. Ao eliminar os textos tradicionais através da sua inserção nos códigos eletrônicos, perdeu-se a fé não só nos textos em si, mas também em diversas das explicações, teorias e ideologias pertencentes ao pensamento linear e progressista da fase precedente. Assim, efetivamos um novo grau de distanciamento, não só das imagens tradicionais, mas também de todo um conceito de racionalidade e progresso anterior.

Os aparelhos de tecno-imagens calculam e computam os pensamentos de seus operadores na linha do plano e da superfície, e, ao apertar as teclas, o imaginador visa imagens nunca concebíveis anteriormente. O mundo inteiro passa a ser vivenciado e valorizado não através de linhas escritas, mas sim de superfícies imaginadas. “Como a estrutura da mediação influi sobre a mensagem, há mutação na nossa vivência, nosso conhecimento e nossos valores” (FLUSSER, 2008, p.15), fazendo com que surjam, no mundo pós-histórico, potenciais imaginários e imaginísticos inéditos.

Podemos perceber que a imagem técnica se manifesta não sob a forma de símbolo, mas de sintoma daquilo a que se refere, de modo a falsamente demonstrar ser uma representação real, idêntica ou mimética de algo. Não se coloca em dúvida a sua veracidade, pois parece ser o efeito inevitável e imediato de uma causa palpável. Não se duvida das imagens técnicas pois são elas, no mundo atual, a prova de todo um registro de “realidade”. Entretanto, sob uma análise profunda, é evidente que se trata não de signos, e muito menos da realidade, mas de partículas girando no vazio. Estas partículas, os fótons, elétrons e *bits* de informação, evidentemente não são palpáveis ou atingíveis ao homem, e cabe aos aparelhos a operação de transferi-los para uma imagem visível.

Os aparelhos, por sua vez, sendo produtos humanos, contém programas que se opõem à tendência natural à entropia. Conseguir decifrar estas imagens implicaria, portanto, não só em revelar a visão do produtor, mas também do programa do qual e contra o qual surgiram.

Deduz-se que, se quisermos decifrar as imagens técnicas, cometemos um erro ao analisarmos apenas o que as imagens mostram. [...] Casa e avião não passam de significado “aparente” e “pretendido” de tais imagens. Nas imagens técnicas o que conta não é o significado, mas o significante: o seu “sentido” é a direção para a qual apontam. (2008, p.51)

Se compararmos uma imagem tradicional e uma tecno-imagem que representem um mesmo objeto, ou seja, tenham significado idêntico, podemos constatar que se trata de sentidos diferentes. Ao invés de ter um sentido no mundo, a imagem técnica cria um sentido. Ao contrário do que acontece com a imagem tradicional, a questão não circunda o vetor de significado, mas sim a produção de vetores. Exatamente porque é criada a partir do “zero”, costurando entre o vazio de partículas. Seu modo de criação é automático, não parte da interpretação de um autor, pois, entre ele e a própria produção, há um aparelho que se coloca no meio. “Oras, isto exige critérios novos, não mais do tipo ‘verdadeiro ou falso’ ou do tipo ‘belo ou feio’, mas do tipo ‘informativa ou redundante’”. (2008, p.54)

Tais critérios definem exatamente a diferença entre o que seria uma nova invenção ou uma descoberta. No universo das tecno-imagens, caberia apenas a distinção entre o que seria produção nova ou uma mera reprodução, entre a categoria da imagem

documentário e da imagem-modelo, ou seja: a diferencia primordial entre imagens informativas (produtivas, criadoras); e imagens redundantes (reprodutivas e miméticas).

Partindo da compreensão de que as ferramentas que o homem utiliza consistem em modelos de seu pensamento, nos voltamos sobre a questão do que significa jogar contra o aparelho. Flusser aponta que os novos revolucionários seriam aqueles conscientes de que as tecno-imagens podem servir como mediação para troca de informações, a fim de trazer a importância, para o núcleo da sociedade, não da circulação homem-imagem, mas sim desta troca que pode ser realizada por intermédio delas. Seriam eles os

fotógrafos, filmadores, gente do vídeo, gente de *software*, e técnicos, programadores, críticos, teóricos e outros que colaboram com os produtores de imagem. Toda esta gente procura injetar valores, “politizar” as imagens, a fim de criar sociedade digna de homens. (FLUSSER, 2008, p.71)

Este novo posicionamento não se concentraria nas relações políticas, econômicas e culturais que compõem a infra-estrutura da sociedade, mas sim na super-estrutura relativas às relações comunicológicas da mesma. O dever do indivíduo na nova sociedade seria o de “engajar-se contra a ideologização e em favor da dúvida diante do mundo.” (FLUSSER, 1985, p.42-43) Restaria ao homem colocar-se na busca de brechas que propiciem uma mudança, seja através dos próprios esforços ou com ajuda do acaso, mas que consiga gerar algum tipo de ruptura na super estrutura metaprogramada dos aparelhos.

3. A sociedade telemática: possibilidades

Flusser (2008) não deixa de apontar em sua obra uma perspectiva possível, ao apresentar o conceito de sociedade telemática. Nesta sociedade as informações seriam produzidas em contextos dialógicos, acessíveis e modificáveis por todos, e organizadas em uma estrutura em rede que se autogovernaria de modo cibernético.

Desse modo, a circulação entre o homem e as imagens técnicas poderia vir a construir uma mediação dialógica de informações, naquilo que ele nomeia como uma revolução técnica, e não política, de sorte que os revolucionários seriam exatamente aqueles envolvidos na produção de tecno-imagens. Como Flusser aponta, “Não será negando a automaticidade dos aparelhos, mas a encarando, que podemos esperar a retomada do poder sobre os aparelhos.” (1985, p.38)

Indícios da possibilidade de uma sociedade telemática a partir do contexto atual são abundantes, mas demandam uma série de ações que dizem respeito à maneira como a rede comunicativa se estrutura. Para Flusser, uma estrutura comunicativa saudável deve ter um equilíbrio entre os diálogos e os discursos. Na sociedade das imagens técnicas, apesar de as mensagens partirem de feixes centrais irradiadores, há a presença de técnicas que permitem a ocorrência de feixes transversais entre eles. Tais técnicas dizem respeito à telemática¹.

Entretanto, o que tem ocorrido é que os chamados *gadgets* telemáticos que tornam isso possível acabam atuando em função de retornar as mesmas informações que foram emitidas de maneira permutada. Trata-se da opinião pública, que funciona como *feedback* para os mesmos programas emissores. Neste processo,

os centros irradiadores dos feixes ocupam o centro da sociedade (centro parcialmente invisível e inacessível aos homens) e os homens estão sentados, cada qual por si, face aos terminais dos feixes, a contemplar imagens. (FLUSSER, 2008, p.65)

No entanto percebemos que, independente da estrutura programada dos aparelhos automáticos, as imagens técnicas que nos circundam não precisam ser “necessariamente portadores de discursos centrais imperativos, mas podem vir a ser portadores de diálogos intersubjetivos.” (FLUSSER, não publicado, nascimento da imagem nova, p.3-4) Para que a sociedade consiga atuar dialogicamente, é necessário mudar a forma de produzir e consumir mensagens dentro do metaprograma, ou seja, operar o programa de maneira diferente. Tais mudanças evidentemente passam pelo viés da crítica, mas recaem na profunda necessidade de uma compreensão e consequente novo posicionamento diante da estrutura comunicacional do mundo pós-histórico.

Percebemos, com isso, a estreita relação que uma análise e debate a respeito dessa nova estrutura pode ter com uma atuação dialógica na sociedade. A renovação de

¹Sistema de comunicação que associa eletrônica, informática e telecomunicações na produção e veiculação de informações. (PINHEIRO, 2005)

informações através da inserção de elementos significantes no universo pós-histórico só é possível através desta atuação. Assim, tendo em vista uma já existente ruptura entre as fronteiras do espaço público e privado, nos colocamos diante da possibilidade de uma possível e futura sociedade telemática, onde, sem tais distinções, o entrave diante do domínio das tecno-imagens possa ser remediado.

Referências

- FLUSSER, Vilém. Filosofia da caixa preta: ensaio para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Hucitec, 1985.
- FLUSSER, Vilém. Nascimento da imagem nova. [s.d.] não publicado.
- FLUSSER, Vilém. O mundo codificado. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- FLUSSER, Vilém. O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.
- FLUSSER, Vilém. Writings. Minneapolis: University of Minnesota Press. 2002.
- PINHEIRO, José. 2005, Quem é o profissional de telemática. Disponível em: http://www.projetoderedes.com.br/artigos/artigo_quem_eh_o_profissional_de_teleumatica.php. Acesso em 7 de agosto de 2014.